

CIÊNCIA ABERTA E NOVAS TECNOLOGIAS DE LINGUAGEM: TRADUÇÃO, LEGENDAGEM E ARQUIVOS DIGITAIS

*Open Science and new language technologies: translation,
subtitles and digital archives*

Bethania Mariani¹
Gian Luigi De Rosa²
Rívia Fonseca³

Este número 70 dos *Cadernos de Letras* da UFF propõe como temática o contexto atual de valorização das novas tecnologias de linguagem em relação ao que se chama de “ciência aberta” e “acesso aberto” à produção do conhecimento científico. De imediato, vale explicar que entendemos as tecnologias digitais de linguagem como um conjunto de técnicas e inovações que se encontram na base da *web* e que constituem de modo absoluto a sociedade midiaticizada em que vivemos. As tecnologias digitais produzem como efeito imaginário a ilusão de uma abertura e liberdade infinitas para o acesso a qualquer conteúdo, seja o de uma receita de

1 UFF – CNPq – CNE/Faperj.

2 Università degli Studi Roma Tre

3 UFRRJ

bolo, seja o da construção de um foguete, por exemplo. Na comunidade acadêmica, essas tecnologias estão na base de um acesso veloz ao conhecimento produzido, seja em periódicos científicos, seja em aulas gravadas, *blogs*, *lives* etc.

As tecnologias digitais de linguagem, na atualidade, encontram-se na base do movimento de circulação da produção de saber. São duas expressões – “ciência aberta” e “acesso aberto” – associadas a dois movimentos mundiais, que têm sido bastante discutidos no meio acadêmico atual. O movimento da Ciência Aberta reivindica a necessidade de inclusão de práticas democráticas de acesso à produção e à circulação do conhecimento, e o movimento do acesso aberto, por sua vez, sinaliza a relevância de se fazer frente à mercantilização crescente de grandes plataformas bibliográficas digitais que cobram para a publicação e leitura de artigos científicos. Em síntese, praticar a Ciência Aberta em relação ao acesso aberto é compartilhar

pesquisas já realizadas, ou em processamento, em todas as suas instâncias, ou seja, das etapas de formulação do projeto individual, ou proposto em equipes trabalhando coletivamente em laboratórios aos seus resultados, passando pela abertura do processo de coleta ao armazenamento dos corpora, dos métodos, das técnicas, das análises e de seus resultados. Em outras palavras, todas as etapas que envolvem a construção do conhecimento passam disponibilizadas no meio digital com livre acesso (Mariani, 2022, p. 166).

Essa complexa política de abertura da produção científica associada a um amplo e gratuito acesso se encontra relacionada com outras políticas acadêmicas também vigentes na atualidade. Uma delas é a internacionalização do conhecimento produzido, ou seja, busca-se enfatizar, como se fosse evidente, não apenas a necessidade de uma circulação internacional do conhecimento, mas, sobretudo, que ela deva ser realizada, prioritariamente, em língua inglesa. Vale ressaltar que a onipresença da língua inglesa resulta de um processo histórico que se encontra na base da

globalização (mundialização). A globalização tanto produz integração quanto dependência econômica entre países, além de organizar também uma rede de ligações tecnológicas com objetivo de disseminar e apreender conhecimento tendo como base o inglês. Assim, as instâncias hegemônicas resultantes das relações de força mantêm a desigualdade entre classes, entre sociedades, entre comunidades acadêmicas e entre línguas, embora, aparentemente, façam uma defesa de valores democráticos e de inclusão das diversidades. No entanto, o reconhecimento da diversidade não elimina as desigualdades.

Entendemos que a valorização do uso majoritário da língua inglesa na circulação da produção científica passa justamente por esse processo de exclusão de outras línguas e de outras formas de conhecimento. É usual ler enunciados genéricos que afirmam a inevitabilidade do uso do inglês no mundo globalizado, seja porque se trata de uma língua falada por países hegemônicos, seja porque o inglês tem funcionado como uma espécie de língua franca na comunidade internacional. Se as desigualdades entre as comunidades científicas mundiais encontram no pouco acesso a recursos públicos a possibilidade de desenvolvimento da produção de conhecimento específico, no caso das línguas nacionais e oficiais de países em desenvolvimento, as assimetrias linguísticas com o inglês tornam-se um impeditivo para validação do conhecimento produzido. Pêcheux (1975 [1988]) já afirmava que a questão das línguas é uma questão de Estado. Retomando sua afirmação para os dias atuais, afirmamos que a questão das línguas na produção e circulação do conhecimento é um problema mundial.

É importante destacar que, para este número dos *Cadernos de Letras da UFF*, convidamos pesquisadores para discutir o papel da tradução e da legendagem nos processos de internacionalização da ciência, em geral, e dos estudos da linguagem, em particular, exatamente como uma forma de fazer frente à hegemonia da língua inglesa. Nessa medida, discutir e analisar as condições

de emergência dessas novas tecnologias em relação à Ciência Aberta, tendo em vista que políticas públicas nacionais e internacionais, articuladas com políticas linguísticas de valorização de determinadas línguas como línguas da ciência, podem (in)diretamente vir a administrar tanto a produção quanto a circulação do conhecimento, é o aspecto central que visamos com este número dos *Cadernos de Letras da UFF*.

Dialogando com o tema do dossiê, os artigos deste número especial utilizam diferentes abordagens teóricas e metodológicas para, em conjunto, enriquecerem significativamente a discussão. De fato, se o nosso pressuposto é que a Ciência Aberta, em sua essência, busca a democratização do conhecimento, a colaboração sem fronteiras e a transparência, o artigo “A Ciência Aberta que cala”, de Thaiane de Oliveira e Gilvan Muller, revela um paradoxo crucial: o fato de a suposta universalidade da Ciência Aberta ser silenciada pela hegemonia do inglês. Ao propor uma reconfiguração da Ciência Aberta baseada na soberania linguística e cultural, o texto desafia a comunidade científica a ir além da mera acessibilidade digital e a abraçar uma verdadeira inclusão epistêmica, crucial para enfrentar desafios globais em saúde e meio ambiente.

O segundo artigo, “Considerações sobre Ciência Aberta”, o estudo de Josimara Brumatti e Geisa Drummond, oferece um panorama pragmático e detalhado sobre como a Ciência Aberta está sendo praticada na área de Linguística. Todavia, em vez de focar apenas nos princípios ideais, as autoras analisam dados concretos da base OpenAlex para verificar a adesão a práticas como o Acesso Aberto. Os resultados, embora mostrem uma adesão significativa (73%), também expõem desafios persistentes, como a baixa utilização de repositórios institucionais e a concentração da produção em algumas regiões geográficas e em uma única língua, o que contraria o espírito de descentralização e inclusão da Ciência Aberta.

Michely Vogel e Vinicius Ribeiro, em seu artigo “Métricas, visibilidade e linguagem”, mergulham em uma das contradições

mais profundas da Ciência Aberta: a tensão entre a abertura e os sistemas de avaliação acadêmica. O trabalho questiona como as políticas de internacionalização, frequentemente ligadas a publicação em inglês e a métricas quantitativas, entram em conflito com os ideais de inclusão e impacto social. As autoras argumentam que as tecnologias de tradução, embora úteis para a visibilidade, podem reforçar assimetrias se não houver políticas editoriais cuidadosas. A defesa de um modelo avaliativo mais integrado e sensível à diversidade de contextos é um convite direto à comunidade científica para repensar como medimos o sucesso da pesquisa.

Quanto ao artigo “Arquivos em disputa”, de Guilherme Adorno e Juliana Silveira, ele nos leva ao coração das tensões entre propriedade intelectual e acesso livre ao conhecimento. De fato, ao analisar o caso do Internet Archive *versus* Hachette, os autores exploram como os espaços digitais se tornaram campos de batalha nos quais o direito autoral hegemônico é desafiado. Esse trabalho mostra que a abertura não é apenas uma questão de vontade ou política, mas uma luta contínua contra estruturas tradicionais que controlam a circulação do conhecimento.

O quinto artigo desse dossiê, “Arquivo discursivo das juventudes”, de Carla Barbosa Moreira, ilustra como a Ciência Aberta pode ser aplicada de forma prática e inovadora, indo além do universo acadêmico tradicional. O projeto de internacionalização do “Arquivo discursivo das juventudes” exemplifica a construção colaborativa e transnacional do conhecimento. A autora, ao utilizar a tradução e a adaptação de conteúdos para criar uma rede colaborativa entre instituições de ensino, demonstra como a ciência pode se tornar mais inclusiva e acessível a um público mais amplo.

O trabalho de Martina Desantis, “Popularização e interação online”, analisa o papel dos cibergêneros divulgativos (no caso, os TEDx Talks) na popularização do conhecimento, uma meta central da Ciência Aberta. Embora não trate diretamente do tópico desse dossiê, o artigo explora um modelo de comunicação que é,

por natureza, aberto e acessível a uma audiência global. A autora, ao investigar como certas estratégias discursivas, como o uso de pronomes inclusivos, constroem um espaço interacional, foca no processo de disseminação do conhecimento fora das barreiras institucionais.

Por fim, o artigo de Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque, “Ciências da Linguagem e Inteligência Artificial”, aborda um tema de crescente relevância para a Ciência Aberta. Ao oferecer uma introdução à Inteligência Artificial e ao ChatGPT a partir da perspectiva das Ciências da Linguagem, a autora preenche uma lacuna crucial, porque não apenas desmistifica a tecnologia mas também ressalta a importância de que os cientistas da linguagem se apropriem dela para desenvolver pesquisas multi, inter e transdisciplinares. Em um mundo em que a IA molda cada vez mais a produção e a circulação do conhecimento, entender sua interseção com a linguagem é essencial para garantir que a Ciência Aberta permaneça justa e equitativa.

Esperamos que este número possa contribuir para uma discussão sobre os sentidos de ciência aberta e sobre a necessidade de pensarmos nos modos de democratização do acesso à produção e circulação do conhecimento em várias línguas. Nessa medida, entendemos que ainda há muita reflexão a ser feita, sobretudo, retomando percursos históricos da produção de conhecimento para melhor compreender os domínios de pensamento de nosso tempo. Sem dúvidas, são os questionamentos, as contradições, as resistências e possíveis rupturas na produção do conhecimento e nos modos como ele circula que fazem avançar, deslocar e transformar o trabalho intelectual ante hegemonias e evidências de sentidos.

REFERÊNCIAS

MARIANI, Bethania. As ciências humanas, a Análise do Discurso e o momento atual: discursos sobre ciência aberta, políticas públicas e periódicos científicos. *Policromias — Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 164-181, set./dez. 2022.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].